

Marianne L. Wiesebron\*

## ⇒ As muitas facetas da sociedade durante a ocupação neerlandesa do Brasil\*\*

**Resumo:** Durante a ocupação neerlandesa do Brasil (1624-1654) desenvolveu-se uma sociedade muito complexa, que se poderia considerar já globalizada, uma sociedade bem internacional, uma mistura de povos vindo de vários continentes, suas culturas, línguas e religiões. Estes grupos vinham ou estavam no Brasil por razões diferentes e alguns deixaram uma herança significativa, apesar de se tratar de um período relativamente breve. Neste estudo se analisa toda esta diversidade, os objetivos e as atitudes dos vários grupos que se encontravam no Brasil. De um lado, existia uma interação notável, um *modus vivendi* entre estes grupos; do outro, e ao mesmo tempo, eram concorrentes e inimigos. Quando os neerlandeses perdem o Brasil, por uma série de razões, os judeus deixam o país, e os indígenas calvinistas são horrivelmente torturados e mortos. A sociedade remanescente perde por séculos sua rica diversidade e suas grandes atividades científicas e culturais.

**Palavras-chave:** Sociedade; História; Brasil-Neerlandês; Nordeste; Século XVII.

Durante a ocupação neerlandesa do Brasil, no século dezessete, desenvolveu-se uma sociedade muito complexa, que se poderia considerar já globalizada, uma sociedade muito internacional, uma mistura de povos, culturas e religiões.<sup>1</sup> Estes grupos vinham ou estavam no Brasil por razões diferentes, e alguns deixaram herança significativa, apesar de se tratar de um período relativamente breve. Neste estudo se pretende analisar toda esta diversidade, os objetivos e as atitudes dos vários grupos que lá se encontravam.

---

\* Marianne Wiesebron é professora associada, em história, no Departamento de Estudos Latino-americanos, na Universidade de Leiden. É especialista em história do Brasil, em particular sua política e sociedade. Coordena o Projeto Resgate relativo ao Brasil Neerlandês (1624-1654) para fazer um inventário dos fundos documentais sobre este assunto e elaborar catálogos. Pesquisa temas atuais como a democracia participativa e processos de integração regional. E-amil: l.wiesebron@let.leidenuniv.nl.

\*\* Este estudo, totalmente revisto e ampliado está baseado num trabalho anterior (Wiesebron 1995). Incluímos aqui os primeiros resultados dos dois projetos: “A herança neerlandesa no Brasil, Uma ponte para pesquisadores brasileiros. O Brasil em Arquivos neerlandeses (1624–1654)” e o grande projeto “Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco” do Ministério da Cultura do Brasil que estamos coordenando. A primeira publicação da série saiu em 2004 e segunda em 2005 (Wiesebron 2004, 2005a e 2005b). Nestes últimos volumes consta a coleção Overgekomen Brieven en Papieren (OBP), relativa aos documentos da Companhia das Índias Ocidentais, no Arquivo Nacional (Nationaal Archief, NA), em Haia.

<sup>1</sup> O começo da globalização é algo bastante debatido. Segundo Karl Marx e Immanuel Wallerstein, a globalização já começou no século XV, enquanto Anthony Giddens situa o início no século XVIII e outros no final da Guerra Fria. Ver por exemplo Beck (1998: 41, nota 5).

Trata-se, mais precisamente, do período entre 1624 e 1654, quando a República das Sete Províncias Unidas ocupou, com mais ou menos sucesso, as áreas produtoras de açúcar no Nordeste do Brasil. Os anos mais significativos da presença neerlandesa começaram em 1630, quando os neerlandeses conquistaram Pernambuco. A expansão continuou e, em seu apogeu, a Nova Holanda estendia-se de Sergipe ao Maranhão, mas depois, pouco a pouco, foi perdendo terreno até o final em 1654. Antes disto, os neerlandeses ocuparam brevemente Salvador, de 1624 a 1625. No intervalo, neerlandeses tiveram sucesso capturando navios portugueses, que voltavam do Brasil para a metrópole, carregados com açúcar e outros produtos. O maior sucesso foi a captura da frota anual da prata espanhola, em 1628, que permitiu financiar a invasão de Pernambuco em 1630. Entretanto, a captura dos navios era uma atividade já antiga e que continuou até o final da presença neerlandesa no Brasil.<sup>2</sup> Entre 1630 e 1654, dezenas de navios foram capturados. Na coleção *Overgekomen Brieven en Papieren (OBP)*, relativa aos documentos da Companhia das Índias Ocidentais, no Arquivo Nacional (*Nationaal Archief, NA*), em Haia, já consta, entre outros, uma série de navios cujos nomes começam com Nossa Senhora.<sup>3</sup> Nesta correspondência encontram-se, por exemplo, Nossa Senhora do Rosairo [sic], Nostra Signora de Comperse, Nostra Signora d’Affentais (*NA, OBP*, inv. 52/109, 15-4-1636; inv. 53/14, 23-5-1637; inv. 54/151, ?-6-1639). A ortografia dos nomes deixa freqüentemente a desejar. A lista era bem mais longa, e foram capturados, entre outros, o St. Anthonio, o St. Pedro (*NA, OBP*, inv. 54/37, 1-3-1639), etc. (Mello 1975: 118-119).

O interesse por navios capturados não era limitado ao valor comercial da sua carga. As cartas, manuscritos e outros documentos que se encontravam a bordo podiam conter informações de grande relevância militar, política, social, comercial ou religiosa para ambos os lados do Atlântico (*NA, OBP*, inv. 61/74, 9-1646; cartas dos navios capturados em Tamandaré; inv. 62.48, 04-1646, cartas da caravela de Nossa Senhora de Apopoli). Este amplo leque reflete bem a complexidade dos interesses e a multiplicidade social presente no Brasil. Encontravam-se altas autoridades, funcionários públicos, militares (que na época eram mercenários), comerciantes, agricultores (dos grandes senhores de engenho, passando pelos lavradores até os pequenos camponeses) artesãos, pastores, padres, cientistas e artistas. Inúmeras nacionalidades, sobretudo européias, estavam representadas, mas os africanos também tinham proveniências bem diferentes e os indígenas pertenciam igualmente a nações variadas. Isto implicava em uma grande diversidade de religiões: cristãos (tanto protestantes, calvinistas e luteranos quanto católicos), cristãos-velhos e cristãos-novos<sup>4</sup>, judeus sefarditas e *ashkenazim*, muçulmanos, religiões

<sup>2</sup> Sobre este período ver Boxer (1957); Mello (1975); Mello (1987); Wiesebron (2004).

<sup>3</sup> *Nationaal Archief, Den Haag, Collectie Overgekomen Brieven en Papieren uit Brazilië, 1630-1654, 1.05.01.01 (1e Westindische Compagnie)* [abreviado em *NA, OBP*], Inventaris nummers 49-67. Estes documentos serão o tema do segundo volume do projeto de pesquisa sobre o O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654), Maurítiana 2. A coleção se refere à 1ª Companhia das Índias Ocidentais que foi extinguida em 1674 e após a sua dissolução foi imediatamente estabelecida a 2ª Companhia das Índias Ocidentais que existiu até 1791 com outro final problemático.

<sup>4</sup> Sobre a situação complexa de cristãos-velhos e cristãos-novos no Brasil, em particular em Pernambuco, ver Evaldo Cabral de Mello (1989). Esta distinção existiu a partir do reinado de D. Manuel e só foi abolido em Portugal e no Brasil pelo Marquês de Pombal (Cabral de Mello 1989: 77).

africanas e indígenas, animistas, na sua maioria xamanistas. Além do mais, devia ser uma mini torre de Babel, uma sociedade em parte poliglota, onde se falava e escrevia num grande número de línguas. Além das línguas previsíveis como o português e o neerlandês, as línguas indígenas – encontram-se cartas em tupi<sup>5</sup> – e as influências africanas, os batalhões, que vinham do norte ao sul, do leste ao oeste europeu, falavam uma multiplicidade de línguas, inclusive o turco. Alibehamel e Hameth Solina eram turcos que fizeram uma deposição (*NA, OBP*, inv.61/53, 7-4-1646 [23-3-1646]). Outras línguas que se encontram freqüentemente são o francês, o espanhol e o italiano. Cartas oficiais ainda podem ser escritas em latim (*NA, OBP*, inv. 61/27, 18-3-1648: uma proposta do embaixador de Portugal, carta II). O Conde de Bagnuoli escreve ora em francês, ora em italiano para o governador Van Waerdenburch, que responde em francês (p. ex. *NA, OBP*, inv. 49/209 a 212, 1-11-1632, ?-1632, ?-1632, 29-10-1632). Uma coleção de inquéritos e relatórios mostra bem a complexidade da sociedade. Tratam de portugueses, negros escravos, um negro crioulo, brasileiros (vale dizer indígenas), um mulato, um judeu, soldados, um barqueiro, um inglês (*NA, OBP*, inv. 61/3, 15-2-1646, corresponde ao período de 26-11-1645 a 15-2-1646).

Podia-se distinguir, *grosso modo*, segundo a nacionalidade e a religião, os seguintes grupos socioeconômicos: inicialmente, as autoridades civis e militares, geralmente neerlandesas, que eram, na sua maioria, calvinistas. Mas nem sempre era o caso: assim, Pierre Moreau, o secretário de Michel van Gogh, uma das três autoridades nomeadas em 1645, era francês (Moreau/Baro [1651] 1979). Entre os militares, altos oficiais de nacionalidades bem diversas desempenharam papel preponderante. O coronel Cristoffel Arciszewski, polonês, merece destaque especial. Este militar deixou numerosa correspondência no *OBP* e escrevia diretamente para autoridades como os Estados-Gerais, os Senhores XIX, e o prefeito de Amsterdam (por exemplo, *NA, OBP*, inv. 55/2, 29-3-1640, inv. 51/83, 20-7-1636, inv. 54/75, 7-4-1639; inv. 54/128, 17-5-1639). Sigismund von Schoppe, coronel alemão, foi comandante das forças de terra e recebeu instruções dos Estados Gerais (*NA, OBP*, inv. 65/183, 1649). James Henderson, coronel inglês, foi outro líder importante, porém de calibre menor (*NA, OBP*, inv.62/145, 1646, carta à Câmara de Zelândia; inv. 62/149, 154, 155, 160, cartas ao presidente e conselhos, 1646). O exército, que defendia os interesses dos neerlandeses, era constituído por mercenários europeus, católicos, mas também protestantes. Estes vinham em grande número da França, da Escócia, dos países escandinavos, além da Polônia, dos países que formam hoje a Alemanha, e da Inglaterra. Do lado português, os mercenários, de vários países, sobretudo espanhóis e pessoas provenientes dos países que formam hoje a Itália, em particular napolitanos, eram católicos.

Os produtores de açúcar, os senhores de engenho, os lavradores e os outros camponeses eram católicos. Os escravos que cortavam a cana no campo, preparavam o açúcar no próprio engenho e faziam todos os serviços dentro de casa, como faziam praticamente todos os trabalhos manuais no Brasil, eram possivelmente batizados. O batismo era

---

<sup>5</sup> Nos documentos se menciona sempre tupi. Esta língua, em geral, falada pela minoria portuguesa presente no Brasil, também foi conhecida como Língua Brasilica, mas, a partir da segunda metade do século XVII, esta língua, já bastante modificada pelo uso de não-índios, passa a ser denominada Língua Geral.

obrigatório segundo as *Ordenações filipinas* de 1603, mas nem sempre era efetuado. Os escravos negros, porém, não esqueciam suas origens, que dependiam da região onde os escravos eram capturados (Schwartz 1985: 406-412; Schwartz 1992: 137-156.) Podiam ser animistas, mas também muçulmanos (Reis [1986] 1987: 110-111). O comércio, quando não era restrito pelo monopólio da Companhia das Índias Ocidentais, encontrava-se sobretudo nas mãos de judeus, na maioria sefarditas. Os indígenas podiam ser divididos em três grupos: católicos, calvinistas – um grupo muito pequeno, ligado à presença holandesa – e aqueles que viviam ainda segundo a religião dos seus antepassados. Um último grupo heteróclito era formado por todos que tinham uma função específica: *predikanten* (pregadores protestantes), padres, cientistas, artistas, sobretudo pintores, e outros. Os artistas e cientistas deixaram uma herança duradoura. Mencionamos somente os pintores Frans Post e Albert Eckhout e os cientistas Georg Marcgraf e Willem Piso. Além da *Historia Naturalis Brasiliae*, publicada por ambos os cientistas em Amsterdam, em 1648, Marcgraf deixou outras pesquisas pioneiras: a primeira notação sistemática de meteorologia no mundo, realizada durante seus anos de trabalho no Recife, a primeira configuração do hemisfério sul em astronomia, etc. (Freedberg 1999: 192-217).

Neste estudo do período neerlandês no Brasil, é sobretudo a interação entre estes diversos grupos que se analisará. Mas antes será feito um esboço do quadro histórico, dando um certo relevo à situação nos Países Baixos, importante para este trabalho.

O interesse dos neerlandeses pelo Brasil estava ligado à produção do açúcar. Nos documentos *NA/OBP*, o assunto açúcar aparece com frequência: em geral sobre carregamentos de açúcar, mas também sobre engenhos. Outros produtos também são mencionados, como o pau-brasil e o índigo. Houve igualmente correspondência sobre minas de prata no Ceará, entre os anos 1649 até 1653, incluindo, entre outros, a declaração do teor da prata por um prateiro (*NA, OBP*, inv. 65/117, 14-6-1649). Entretanto, o interesse pelo açúcar predominava e não era recente. Os neerlandeses buscavam açúcar em Portugal, onde havia uma colônia neerlandesa e, já bem antes de 1621, havia refinarias de açúcar em Amsterdam. Durante a Dupla Monarquia, D. Felipe II da Espanha, aliás D. Felipe I de Portugal, fez todo o possível para tentar reduzir drasticamente, senão acabar com o comércio entre neerlandeses e portugueses, no que não foi bem sucedido. Os neerlandeses também tinham feito grandes investimentos na economia açucareira brasileira, uma boa parte da produção sendo vendida pelos neerlandeses na Europa do Norte (Mauro 1989: vol. 1, 243-317, em particular 312-313). Os neerlandeses já tinham estado no Brasil, transportando diretamente o açúcar. As mais antigas viagens ao Brasil dataram de 1580, Dirigiram-se, porém, ao Amazonas, onde se construíram dois pequenos fortes e uma feitoria que existiram até 1623 (Souty 1988: 188-189). As viagens não se limitavam ao Amazonas; no caso do Nordeste, porém, tornavam-se mais complicadas e até mais restritas, devido às relações que cada vez mais complexas entre os portugueses e espanhóis e os neerlandeses. Mesmo assim, negociantes neerlandeses calculavam que transportavam uma parte bem significativa do comércio entre o Brasil e a Europa (Israel [1989] 1991: 106-108; Boxer 1957: 20-21).

Existiam laços antigos entre os portugueses e os habitantes dos Países Baixos, no sentido largo do termo: os Países Baixos do Norte, conhecidos hoje como a Holanda, e os Países Baixos do Sul, que correspondem à atual Bélgica. As relações entre estas nações comerciantes eram intensas e iam além dos negócios. Inicialmente, existiam mais relações com Flandres, se bem que para os portugueses e espanhóis da época, o termo

flamengo era usado para a região que se estendia de Dunquerque até Emden.<sup>6</sup> A Coroa portuguesa manteve ali durante muito tempo uma feitoria, primeiro em Bruges e depois em Antuérpia, que na primeira metade do século dezesseis tornou-se o grande porto da Europa do Norte, e, ao mesmo tempo, o mais importante centro de negócios da Europa, por ser simultaneamente um núcleo para o comércio, as finanças, o transporte, os seguros e também para a tipografia. Contudo, o saldo desta operação foi negativo para a Coroa e em 1549 a feitoria foi fechada e, em compensação, o Rei Dom João III abriu o porto de Lisboa (Diffie/Winius 1977: 41, 411-415).

Pouco depois, em 1568, começava uma guerra entre os Países Baixos e a Espanha, que ia durar até 1648: a Guerra de Oitenta Anos (Parker [1979] 1990 [rev. e aum.]) Estes oitenta anos marcariam transformações profundas nos Países Baixos. No início da guerra, os Países Baixos formavam um conjunto de estados e de cidades onde se falava o francês ou o neerlandês, mais ou menos confederados em dezessete províncias, sob a autoridade de um Rei da dinastia espanhola de Habsburgo, cujos territórios se estendiam destas províncias até as Filipinas. Várias formas de “heresia” protestante já exerciam uma influência significativa nos Países Baixos, todavia a maioria da população era ainda católica apostólica romana. De fato, encontravam-se muito mais protestantes nos Países Baixos do Sul do que nos do Norte. A cidade de Amsterdam estava prosperando, sem se tornar ainda uma perigosa rival para Antuérpia. A primeira tentativa de revolta de Guilherme, Príncipe de Orange, foi facilmente contida pelo Duque d’Alba. Ao fim da guerra, a situação estava completamente modificada. As Sete Províncias Unidas dos Países Baixos Livres eram bem diferentes das dez províncias do sul, que permaneceram fiéis ou foram reconquistadas pela Coroa Espanhola e a Igreja Católica. Em *Las Provincias Obedientes*, o calvinismo ou qualquer outra forma de protestantismo tinha desaparecido totalmente. Os protestantes doutrinários fugiram para o norte. A maior imigração veio de Antuérpia, grande centro calvinista. Calvinistas mudaram-se para as províncias Zeeland (Zelândia), Holland (Holanda) e sobretudo para Amsterdam e Leiden, mas nem sempre diretamente. Isto também foi o caso de cristãos-novos e judeus que abandonaram a cidade de Antuérpia (Boxer [1965] 1988: 1-33 e 126-171; Israel [1989] 1991: 28-30, 32-34, 42).

Nas Províncias Unidas, havia outros protestantes, luteranos, anabatistas, etc., e aqueles que não pertenciam a um grupo religioso particular, que também desejavam o distanciamento da Igreja Católica, devido à atitude do clero, freqüentemente ultramontano e nomeado pelo Papa. Assim, no início do século dezessete, durante a Guerra contra a Espanha, alguns vigários declararam que o governo dos Estados-Gerais era ilegal. Esta situação só mudou a partir de 1732, quando o clero teve de jurar submissão às autoridades seculares. Durante muitos anos, os protestantes, e ainda mais os calvinistas, formaram uma minoria. Houve disputas religiosas e doutrinárias, que foram vencidas pela “verdadeira Igreja Reformada”, como foi definida pelo Sínodo de Dordrecht em 1618-1619. O calvinismo passou a ser a única religião oficial e aceita, apesar de só um terço da população praticá-la. Contudo, as leis extremamente estritas do Sínodo de Dordrecht não foram aplicadas de modo muito rigoroso pelos tribunais civis. O calvinismo nunca foi

<sup>6</sup> Sobre as relações comerciais, artísticas e científicas entre Portugal e Flandres ver *Portugal en Vlaanderen. Europa in het verschiep (1550-1680)*, catálogo da exposição no Museu Real das Belas Artes em Bruxelas em 1981, realizado no âmbito de Europália Portugal.

transformado em religião do Estado. O casamento civil foi sempre reconhecido do mesmo modo que o casamento religioso (Sande 1989: 85-106). Os movimentos de oposição sobreviveram, discretamente para começar. Os católicos neerlandeses conservaram o direito à liberdade de consciência, sem ter o direito ao culto em público. Sempre se manteve uma certa tolerância para com as outras religiões. Schama descreve a importância do calvinismo e das outras religiões nas Províncias Unidas e a posição dos judeus (Schama 1987: 58-64, 587-595). Segundo este autor, na zona rural a aristocracia continuava católica – e, portanto, seus empregados e camponeses também –, enquanto o proletariado urbano convertia-se ao calvinismo, já que as obras de caridade e o ensino estavam em mãos calvinistas. Mas existia um bom entendimento, até mesmo certa solidariedade e espírito de cooperação, entre as elites calvinistas e católicas. Se numerosos cidadãos importantes converteram-se ao calvinismo simplesmente para obter os cargos mais relevantes, reservados a calvinistas – um resultado da guerra –, estes tentaram evitar que os interesses do Estado e do comércio fossem subordinados à religião, apesar dos esforços de alguns calvinistas fanáticos e de *predikanten*. Nos empreendimentos internacionais, os *predikanten* tampouco tinham uma parte preponderante nos negócios das duas Companhias das Índias, a Oriental e a Ocidental. Os governadores, os diretores, mesmo sendo calvinistas praticantes, faziam prevalecer os interesses do Estado e do comércio sobre os da religião.

O governo da República era constituído por uma oligarquia burguesa, formada por uma classe dirigente, cujo mais alto funcionário era o Príncipe de Orange. Estes dirigentes organizavam guardas cívicas para proteger as cidades, bem conhecidas pelos quadros de Rembrandt (A Ronda da Noite) e de Frans Hals, que pintavam os oficiais das guardas (os *Schutters*). Preferiam estas guardas cívicas para os seus filhos a estimulá-los a se tornarem pastores. O pastor não tinha muito prestígio neste meio (Ebben 2004a: 31-79).

A marinha neerlandesa ainda não desempenhava um papel preponderante em 1568, mas era ativa no comércio do Mar do Norte e de lá para o norte e para o sul. Em 1648, tinha-se tornado a mais poderosa do mundo. Amsterdam tinha ultrapassado Antuérpia, e os neerlandeses controlavam agora a entrada do porto desta cidade de Flandres. Mas, em geral, Flandres sofreu consideráveis danos econômicos e também uma grande catástrofe demográfica (Parker [1979] 1990 [rev. e aum.]: 180-185). No entretanto, Amsterdam tinha se tornado a cidade de negócios mais dinâmica, conhecida em todo o mundo, enquanto Paris, Londres e Veneza eram cidades bem menos importantes e nomes bem menos conhecidos naquela época. Também era um centro cultural pujante, embora a tipografia se concentrasse em Leiden, onde a universidade fora fundada em 1575 (Ebben 2004b: 83-89). O sucesso neerlandês era sobretudo devido às duas províncias marítimas, Holanda e Zelândia, que iniciaram todo tipo de empreendimento marítimo e comercial. A agricultura desempenhava um papel nitidamente menos expressivo.

Entretanto, a influência de calvinistas de Antuérpia foi fundamental na aventura brasileira dos neerlandeses. A idéia foi lançada sobretudo por um calvinista doutrinário, que vinha daquela cidade, Willem Usselinx (1567-1647). Em 1608, publicou um panfleto onde sugeria estabelecer uma companhia para explorar os produtos da natureza brasileira como o açúcar, as matérias corantes, peles, etc. Usselinx ficou impressionado com as riquezas que Portugal auferia no Brasil com este tipo de produtos, sem que houvesse ainda sido encontrado ouro ou prata. A exploração devia ser baseada no trabalho livre, por razões tanto morais como econômicas. Não queria conquistar as colônias espanholas

ou portuguesas, mas ter o direito ao comércio, que os Estados-Gerais deviam requerer.<sup>7</sup> Os objetivos e os estatutos da Companhia das Índias Ocidentais ficaram bem diferentes quando ela foi estabelecida em 1621, uma demora devida à oposição política ao projeto. A Companhia seguiu em parte o modelo da Companhia das Índias Orientais, que já fora fundada em 1602. Porém havia duas diferenças: desta vez, os acionistas que propiciaram o capital da sociedade mais nova, em sua maioria, não eram grandes negociantes, mas pequenos investidores, geralmente calvinistas, que até compravam uma única ação a prestações (ver a tabela em Israel 1991: 159-160). Vários anos foram necessários para poder-se juntar um capital suficiente para algum empreendimento. O conselho da Companhia era constituído por dezenove membros, os XIX, em vez de dezessete, os XVII, e um dos diretores vinha dos Estados-Gerais, a única organização a nível nacional das Províncias Unidas, que determinava a política estrangeira da República. Os outros diretores provinham de cinco conselhos regionais, proporcionalmente segundo a quantidade de ações, o maior sendo Amsterdam, seguido pela Zelândia, e depois os três outros, Rotterdam (Mousa), Groningen e Holanda do Norte. Por vinte e quatro anos, a Companhia recebeu o monopólio da navegação, do comércio, do transporte e das conquistas, para todos os mares e todos os países que beiravam certas partes do Oceano Atlântico, quase ao longo de todo o continente americano, e, na África, do Trópico de Câncer para o sul. Os Estados Gerais forneceriam as tropas e o material bélico, porém seriam pagos pela Companhia (Laet [1644] 1931-1937; den Heijer 1994: até 108). Após ter juntado um capital considerável, em parte com investimentos estrangeiros, devia-se estabelecer um objetivo. Várias idéias foram lançadas. Em 1623, Moerbeek escreveu detalhadamente a Maurício, Príncipe de Orange, tentando convencê-lo a tentar retirar o Brasil do poder dos espanhóis, o resultado da Dupla Monarquia (1580-1640) que transferira a coroa portuguesa para Madri (Moerbeek 1624). O Conselho provavelmente se deixou inspirar pelos seus argumentos, porém a sua carta só foi publicada após a conquista de Salvador.<sup>8</sup>

Moerbeek começou por assinalar que só brasileiros, como os indígenas eram conhecidos na época, e portugueses moravam nestas terras, sem muita experiência na arte da guerra nem muita coragem, razão pela qual acreditava ser relativamente fácil a conquista. Os portugueses e judeus, ambos inimigos dos espanhóis, não seriam desfavoráveis a ter de obedecer ao Príncipe e aceitar a cortesia, a liberdade de culto e a justiça já conhecidas da Companhia. Apesar do imenso tamanho do país, bastaria conquistar Bahia e Pernambuco para dele se apoderar, o que não deveria ser muito difícil pois estes lugares não eram especialmente fortificados. Sua localização implicaria que não haveria necessidade de fazer uso de um exército: a ação de alguns navios seria suficiente. Tampouco se precisaria de muitos homens para manter esta conquista (Moerbeek 1624). Sempre existia o problema de recursos humanos nas Províncias Unidas, como também para Portugal, se bem que a população da República crescia, ao contrário do que acontecia naquela época em vários outros países. Entre 1550 e 1650, a população da República triplicou (Moerbeek 1624; Schama 1987: 223).

<sup>7</sup> Usselinx (1608). Ver também Boxer (1957: 2-4); Israel (1991: 83-84). As traduções do neerlandês para o português deste e seguintes textos foram todas feitas pela autora do artigo.

<sup>8</sup> Boxer (1957: 13-17); Souty (1988: 190 s., inclusive as notas 25 e 26).

Mesmo em caso de cerco pelos espanhóis, não seria muito difícil manter estes dois lugares. Depois Moerbeek salienta que o Rei da Espanha se apoderou injustamente, e de maneira pouco cristã, das colônias pertencentes ao Rei de Portugal, incluindo o Brasil. Estende-se longa e detalhadamente sobre os lucros que se poderia obter com os produtos brasileiros, sobretudo com o açúcar, mas também com o pau-brasil, o gengibre e o tabaco. Quer estender o comércio triangular para territórios africanos como Cabo Verde, Guiné e Angola, e sugere que se a Companhia não quiser participar no tráfico de escravos, pelo menos deve arrecadar quatro mil réis por cada negro, o imposto de que o Rei da Espanha agora desfruta. No Brasil, Moerbeek contava com uma revolta dos escravos, o que representaria uma outra grande preocupação para os portugueses, pois os escravos poderiam apoiar os neerlandeses, inimigos dos seus donos. Em vez disto, houve três expedições dos neerlandeses contra o quilombo de Palmares, que perdurou durante quase todo o século dezessete (Moerbeek 1624; Schwartz 1992: 122-125, especialmente 123). Além do mais, os neerlandeses envolveram poucos negros e escravos em batalhas, podendo prometer a estes últimos a alforria em caso de uma vitória. Enquanto do lado português teve um batalhão de negros e escravos, sob o comando de Henrique Dias, filho de escravos (Moura 1992).

Foram estas as principais razões que Moerbeek deu no seu panfleto para incentivar a conquista do Brasil. A Companhia parece ter seguido as suas sugestões, começando por atacar a Bahia e depois Pernambuco, devido aos problemas crescentes com a Espanha.

Em consequência da Dupla Monarquia, estabelecida na Península Ibérica pelo Rei Dom Felipe II da Espanha, que passou a ser D. Felipe I de Portugal, após a crise de sucessão ao trono português, e da Trégua de Doze Anos entre as Províncias Unidas e a Espanha (1609-1621), as relações entre a República e Portugal tinham se deteriorado. A Trégua estipulava de um lado que os portos portugueses seriam fechados aos navios neerlandeses, enquanto o comércio com Portugal era justamente considerável, e tinha mesmo aumentado nos primeiros anos da Trégua. Quando os espanhóis reforçaram esta cláusula, os portugueses ajudaram os neerlandeses a fazer negócios sob outra bandeira, mesmo assim complicando a situação. Por outro lado, a Trégua determinava que o continente americano e as Índias Ocidentais deviam permanecer reservados aos espanhóis, enquanto as Índias Orientais seriam consideradas neerlandesas. Isso não impediu que durante o período da Trégua de Doze Anos, e apesar do acordo que foi fechado, os neerlandeses fizessem algumas conquistas no continente americano e na costa africana (Israel 1991: 106-112).

A assinatura desta Trégua foi atrasada, em parte, pela província da Zelândia, que se recusava a assinar um acordo com papistas, e, por outra parte, por razões econômicas (Israel 1991: 112-113). A maneira de tomar decisões na época tampouco promovia a rapidez: as Províncias Unidas tinham que chegar a um consenso, cada província sendo autônoma. Para conseguir a unanimidade nos Estados-Gerais, geralmente precisava-se de várias viagens entre os Estados-Gerais e os governos das províncias onde novas instruções eram recebidas. A situação podia ser bem complicada quando os interesses das províncias não coincidiam. A província mais importante era a Holanda, onde estava o município econômica e financeiramente mais poderoso do país, Amsterdam. A província da Holanda, e sobretudo esta cidade, assumia a maior carga financeira. Conseqüentemente, Amsterdam tentava fazer prevalecer o seu ponto de vista. Porém, em certos momentos, a velha inveja entre a Holanda e a Zelândia, a segunda província em

importância, ou então entre estas duas e as cinco outras, ou ainda a animosidade que existia contra a dominação de Amsterdam, implicava uma desunião entre as províncias. Durante todo o período brasileiro, isso resultou, muitas vezes, em decisões tomadas tarde demais, ou que a efetuação das resoluções fosse retardada por uma ou duas províncias que não estavam totalmente convencidas do que foi determinado em certo momento. Em todo caso, o sistema político certamente prejudicou os neerlandeses nestes anos.

Em contrapartida, quando os neerlandeses invadiram a Bahia em 1624, os moradores do Brasil estavam a par das intenções da Companhia, mas não tinham tomado nenhuma medida para agir contra a ocupação de Salvador, que foi concluída em poucos dias. Durante todo este período, sempre houve católicos dispostos a divulgar as intenções dos neerlandeses aos espanhóis, e os inimigos destes últimos tampouco hesitavam em alertar os primeiros sobre os seus projetos. Devido aos interesses comerciais, e apesar das tensões políticas, havia um intercâmbio freqüente entre pessoas dos vários países. Outra fonte de informação eram as cartas interceptadas, que faziam parte do espólio quando se capturava um navio. Os neerlandeses e, em particular, os zelandeses, eram ótimos corsários. Estas cartas eram registradas e traduzidas. Infelizmente, só subsistem, em geral, extratos e, neste caso, os originais não parecem mais existir. Tampouco se sabe se se registravam somente as cartas cujo conteúdo interessava pelas informações úteis para a Companhia, ou se todas eram listadas, o que parece pouco provável, porque a quantidade é bem pequena.<sup>9</sup> Contudo, no Arquivo da Casa Real, em Haia, consta uma grande série de cartas em português. Um estudo detalhado destas cartas está previsto para o terceiro volume da série Maurítiana.<sup>10</sup>

Às vezes, estas cartas interceptadas eram publicadas como panfletos nos Países Baixos. Os panfletos constituíam um meio de comunicação muito popular nas Províncias Unidas. Tudo era objeto de debate na República: a religião, a política, etc.. Panfletos eram publicados a favor do calvinismo e contra o catolicismo, ou o contrário; alguns eram a favor de um invasão do Brasil, enquanto outros eram contra.<sup>11</sup> O Embaixador de Portugal, radicado em Haia, Francisco de Sousa Coutinho, desempenhava também um papel importante, porque usava este meio para fazer conhecer o ponto de vista português, preferivelmente de modo anônimo, é claro. Mas uma proposta do Embaixador de Portugal feita aos Estados-Gerais, no dia 15 de outubro de 1647, também foi publicada.

<sup>9</sup> Assim, umas sete cartas constam num registro no NA, OBP no início de 1632 (extratos de cartas interceptadas portuguesas, NA, OBP, inv. 49/281-284), sendo uma carta de Salvado (sic!) Pincairo, de Itamaraca ao Rei de Portugal, do 8-3-1632. Em data de 15-7-1632, segue uma nova série de seis cartas (NA, OBP, inv. 49/ 461-462), etc...

<sup>10</sup> Dois estudos iniciais sobre os documentos do Arquivo da Casa Real estão incluído no Wiesebron (2004). São os 2 artigos de Jaap van Veen (2004a e 2004b). Porém uma apresentação bem mais detalhada está previsto para o 3º volume, Maurítiana 3, tanto do inventário quanto um comentário sobre este inventário por Ben Teensma.

<sup>11</sup> Um exemplo de discussão: *Brasyls Schuyt-praetjen, gehouden tusschen een Officier, een Domine, en een Coopman noopende den Staet van Brasyl: Mede hoe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetracteert werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portogysen noch onder het onverdraeghlyck Iock der Hollanderen Staten* [Discussão que ocorreu numa barcaça entre um Oficial, um Pastor, e um Comerciante sobre o Estado do Brasil: entre outras coisas, se conta como os Soldados e os Oficiais são tratados lá e como se tenta viver na época onde os Portugueses ainda estão sob o jugo insuportável dos Holandeses] n.p., 1649.

Só não se sabe se esta edição foi obra do próprio Coutinho ou de outra pessoa que queria divulgar a um amplo público a posição oficial portuguesa (Boxer 1957: 177-180).

Assim, cartas interceptadas eram divulgadas a um largo público para mostrar a perfídia dos papistas portugueses no Brasil. Na introdução às cartas, explica-se que as cartas provam a rebelião dos portugueses, por serem dedicados à religião papista, por querer acabar com a Religião Reformada no Brasil e, além do mais, por serem apegados à sua nacionalidade. Nesta série de cartas encontram-se duas de João Fernandes Vieira e Antônio Cavalcanti. A primeira foi endereçada aos “Altos e Secretos Conselhos” no Brasil, contendo uma queixa contra os tratamentos aos quais os portugueses estavam sujeitos, enquanto estes, como cristãos, se comportavam com cortesia.<sup>12</sup> A segunda era um apelo de:

Ioan Fernandes Viera e Antonio Cavalganti, Governadores desta Guerra/ em nome da liberdade Divina,

Fazem saber a todas as pessoas seja qual for a sua nacionalidade ou qualidade, seja Estrangeiros, Neerlandeses, Alemães, Franceses, Ingleses, Escoceses e Judeus que queiram passar para o nosso lado, aquele que a liberdade Divina ordenou ... poderão viver em liberdade e segundo a sua religião ...

Também os Brasileiros, Potiguares ou Tapuias, que querem render-se, se cometeram algum crime serão perdoados, e poderão viver tranquilos ...<sup>13</sup>

Esta carta enumera algumas nacionalidades presentes. Também oferece o pagamento do soldo aos soldados e até o duplo àqueles que passassem para o lado dos portugueses. A Companhia tinha o costume de pagar ao final do contrato, o que não era descomunal, porém falsificava as contas e os soldados que pensavam receber uma certa quantia após anos de serviço, ao final das contas, ficavam devendo. O que, aliás, acabou por dificultar o recrutamento de militares na Europa e levou soldados a desertar. As péssimas condições, em certos períodos da ocupação, tampouco ajudaram a manter a lealdade de soldados mal alimentados, mal pagos... Para estimular a deserção, distribuíam-se panfletos onde desertores, neste casos franceses, declaravam que os portugueses eram bem tratados. Mas, em outros panfletos, André Vidal de Negreiros também chama os soldados neerlandeses a desertar, prometendo tratá-los bem; aliás, não somente militares são convidados a mudar de lado, mas também civis. (*NA, OBP*, inv.62/1 a 4, 17; 12-3-1646, id., 14-4-1646, 15-4-, 1646; 13-4-1646). Paralelamente, Felipe Camarão escreve a oficiais indígenas a serviço dos neerlandeses (*NA, OBP*, inv. 62/59, 12-8-1646).

Na mesma carta do dia 29 de junho de 1645, de um lado fazem um apelo a judeus para apoiar a rebelião, do outro indicam que aquele que tiver dívidas para com os neerlandeses e judeus não deverá mais nada, se fizer o seu dever. Incitam escravos a participar da luta, prometendo a alforria e, ao mesmo tempo, uma indenização ao proprietário.

<sup>12</sup> *Extract ende cotype/van verscheide brieven en schriften belangende de rebellie der paepsche portugesen van desen Staet in Brasilien. tot bewijs dat de Kroon van Portugael schuldig is aen de selve*, 1646 [Extrato e cópia de diversas cartas e escritos relativos à rebelião dos Portugueses papistas deste Estado do Brasil como prova de que a Coroa de Portugal é culpada desta mesma, 1646], pp. 1, 6-7.

<sup>13</sup> *Extract ende cotype/van verscheide brieven...* (1646: 7-8), Carta do 29-6-1645: “Den Brief van de voorsyde hoofden der Rebellen aen alle andere geschreven /luyt aldus: Ioan Fernandes Vieira, et Antonio Cavalganti, Gouverneurs van desen Oorloge/ in name van de Goddelijcke liberteyt”.

Seria interessante saber onde iam conseguir o capital necessário para arcar com todas estas despesas possíveis. Aqueles que não participassem na justa causa seriam considerados traidores... (*Extract ende cotype/van verscheide brieven...* 1646: 7-8).

Panfletos também circulavam em Recife. Até houve um, intitulado o *Brasilsche Gelt-Sack* (a bolsa de dinheiro brasileiro) onde Recife está mencionado, *Gedruckt in Brasilien op 't Reciff*, publicado no Brasil, no Recife. Se a informação for correta, seria a primeira obra a ser impressa no Brasil. Porém, nunca se encontrou o indício de alguma tipografia. Existiam planos para montar uma impressora no Brasil, mas o projeto não foi realizado. Além do mais, o conteúdo do panfleto parece destinado ao público nos Países Baixos.<sup>14</sup> Rubens Borba de Moraes estudou a possibilidade de uma tipografia em Recife (Moraes 1958: 108; Wiesebron 1991: 10-11).

É um panfleto anti-semita, acusando “em particular os judeus e outros impróprios e aquelas pessoas que estão à procura da ganância, [...] aqueles que sempre aceitaram descaradamente dádivas ... que estes senhores concluíram contratos de grande vulto com Joan Fernand Vieira, Jorge Homem Pinto, e muitos outros / com todos os prejuízos decorrentes para a Companhia / e todos os interessados” (*Brasilsche Gelt-Sack* 1647: 2).

A posição dos judeus no Brasil nunca foi muito fácil, mesmo quando Johan Maurits van Nassau-Siegen, governador no Brasil de 1637 a 1644, um humanista muito tolerante, instaurou ou fortaleceu a liberdade de culto para quase todos os grupos religiosos, entre os quais os judeus, apesar dos protestos dos calvinistas da Igreja Reformada (Calado [1648] 1985: vol. 1, 94). Na Coleção *Overgekomen Brieven en Papieren uit Brazilië, 1630-1654*, encontram-se várias cartas das autoridades protestantes no Brasil que se queixavam contra as liberdades outorgadas aos católicos e aos sacerdotes (p.ex. *NA, OBP*, inv. 56/283, 20-8-1641). Algumas outras são queixas de católicos contra os judeus. Por exemplo, num requerimento ao Governador-geral e aos Conselhos dos moradores, pede-se simultaneamente: acabar com a restrição ao comércio, reconstruir a cidade de Olinda destruída pela guerra e limitar a liberdade dos judeus (*NA, OBP*, inv. 52/137, 1-12-1637, em português, não assinado). Numa outra petição ao Governador-geral e aos Conselhos, alguns cristãos no Brasil exigem medidas contra os judeus (*NA, OBP*, inv. 55/241, ?-1641, assinada pelos peticionários).

Os judeus e os cristãos-novos eram menosprezados pelos vários grupos de cristãos, os velhos e os protestantes. Aliás, durante a presença holandesa no Brasil, houve cristãos-novos que voltaram à religião judia, aproveitando a liberdade que existia na época. Os judeus no Brasil, que vinham da Holanda, eram freqüentemente sefarditas, que tinham fugido da Inquisição na Península Ibérica, e que aproveitavam o conhecimento das duas línguas, tanto o português como o neerlandês, para desgosto de ambos, tanto portugueses como neerlandeses. Eram quase os únicos capazes de se comunicar com os dois grupos e por isso conseguiam fazer bons negócios, fomentando ainda mais os sentimentos anti-semitas (Calado [1648] 1985: vol. 1, 112-113; Teensma 1988: 66). Mas também havia judeus *ashkenazim*. O número de judeus morando em Recife foi longamente exagerado,

<sup>14</sup> *Brasilsche Gelt-Sack, Waer in dat klaerlijkck vertoont wort, waer dat de participanten van de West-Indische Compagnie haer geldt ghebleven is* [A bolsa de dinheiro brasileiro, onde se mostra claramente aonde ficou o dinheiro dos acionistas da Companhia das Índias Ocidentais], *Gedruckt in Brasilien op 't Reciff in de Bree-Bijl* n.p., 1647.

por volta de cinco mil pessoas, um algarismo mencionado por um português na época que queria exagerar a importância deles no Brasil, e foi este número que desde então foi retomado nas várias análises. Pesquisas mais sérias mostraram que não havia mais do que 650 judeus em Recife (Mello 1977: 524-525; Teensma 1988: 71-72; Mello 1979).<sup>15</sup>

Os judeus, é compreensível, recebiam uma vitória portuguesa, por causa da Inquisição, e, quando a situação começou a piorar para os neerlandeses, tentaram alertar os correligionários em Amsterdam. Os judeus daquela cidade endereçaram uma petição ao prefeito de Amsterdam que tinha que ser transmitida aos Estados-Gerais, o que foi feito. Neste texto, lembraram os serviços prestados ao governo neerlandês no Brasil, sendo considerados como traidores pelos portugueses, operando até como voluntários no exército, o que aumentou ainda mais o ódio dos portugueses; assim, esperavam que, caso os neerlandeses se rendessem, também seriam tratados como prisioneiros neerlandeses. Os Estados-Gerais lhes deram esta garantia, e esta foi respeitada quando os neerlandeses efetivamente entregaram-se. Todos estes documentos, de 1645, foram descobertos por Teensma em 1986 (Teensma 1988: 69-76). Que o receio não era infundado, mostra-o a história de Izaque de Castro por Elias Lipiner: *Izaque de Castro: o mancebo que veio preso do Brasil* (Lipiner 1992).

Do lado dos portugueses, o Padre Antônio Vieira, que foi um dos grandes adversários da presença neerlandesa no Brasil, fez um esforço tremendo de estabelecer uma *Companhia Geral do Comércio do Brasil*, para contrabalançar o poder da Companhia neerlandesa, e obrigou os cristãos-novos em Portugal a participarem nesta Companhia. Evitavam assim o confisco do seus bens pelo Santo Ofício mesmo no caso de acusação e até condenação por heresia, apostasia ou judaísmo. Os Inquisidores mantiveram durante muito tempo sua oposição a estas idéias, mas finalmente D. João IV se deixou convencer pelos argumentos do Padre Vieira. O *Alvará* data de 8 de março de 1649. A situação financeira de Portugal era crítica naquele momento. Não somente os cristãos-novos em Portugal “investiram” nesta Companhia, mas igualmente judeus que tinham deixado Portugal devido à Inquisição e moravam na França, nas Províncias Unidas e na Alemanha (Boxer 1957: 109-111, 207-213, 244).

Este Padre Vieira, que deixou sermões famosos, atacando a presença neerlandesa no Brasil, era jesuíta. Jesuítas eram os únicos que Johan Maurits não tolerava na Nova Holanda. Não devemos esquecer que a Companhia de Jesus foi fundada em 1540, especificamente para lutar contra a Reforma. Outrossim, é interessante notar que Inácio de Loyola admitia os cristãos-novos do mesmo modo que cristãos velhos. Mais tarde este regulamento foi modificado, porém os Jesuítas nunca foram defensores entusiastas da Inquisição.

Contudo, se Johan Maurits autorizava a todos, exceto os Jesuítas, a praticarem a sua religião, isto não implicava em que existisse uma grande simpatia entre os cristãos. Os católicos consideravam os protestantes hereges, ou como escrevia um cronista português em 1624, exprimindo a opinião de muitos compatriotas: “Os Holandeses são apenas bons artilheiros e, para além disso, só são bons para serem queimados como heréticos desesperados” (Boxer 1981: 118).

---

<sup>15</sup> Este erro foi devido a uma leitura mal feita do texto de Dom Francisco Manuel de Mello *Epanáforas de Vária História Portuguesa* (1977: 524-525).

Os calvinistas chamavam os católicos de papistas. Para os seguidores da “verdadeira religião cristã reformada”, segundo a definição do Sínodo de Dordrecht em 1618-1619, a igreja de Roma era “a grande prostituta de Babilônia”, e o papa um verdadeiro anticristo (Boxer 1981: 118). Uma pequena parte dos moradores converteu-se ao calvinismo e estes quiseram ir para os Países Baixos, quando a situação começou a deteriorar-se para os neerlandeses e seus aliados.

Esta luta entre católicos e calvinistas atingiu até os brasileiros, como eram chamados na época os indígenas. Do lado dos neerlandeses lutavam Potiguares calvinistas, dentre os quais indivíduos educados na Holanda (por exemplo, na cidade de Enkhuizen), enquanto do lado dos portugueses havia Potiguares católicos. Existe uma carta do comandante Potiguar calvinista, Pedro Poty, a seu adversário Felipe Camarão, aliado dos portugueses, que já tinha escrito cartas a Poty (Hemming 1978: 282-311, 304-306). Esta carta, que foi escrita em tupi, foi rapidamente traduzida para o neerlandês e publicada como panfleto:

Cópia de uma carta brasileira escrita por Pedro Poty Brasileiro e comandante do regimento de Brasileiros da Paraíba, a Camaron também Brasileiro e comandante dos Brasileiros da Bahia, em data do 31 de outubro de 1645. Escrito na língua brasileira e traduzida desta língua por François Lieshout, no Dam, 1646 :

Sou um cristão e um cristão melhor que Vossa Mercê / acreditando somente no Cristo / sem me deixar contaminar como Vossa Mercê pela idolatria / aprendi a Religião Cristã / e ainda me exerço diariamente / e se Vossa Mercê também se exercesse / Vossa Mercê mudaria os seus sentimentos e não trabalharia a serviço dos Portugueses que são tão pérfidos e infiéis / e que, apesar das promessas do Rei / e contra o Juramento que lhe foi feito, / após ter roubado bens dos Holandeses, / os atacam e nos atacam igualmente, de maneira traiçoeira. Deus castigará isto. / E por esta razão venha se juntar a nós e distanciar-vos destes traidores infiéis / que não conseguirão permanecer aqui / porque dentro de pouco nós os afugentaremos com força / e que também na Bahia vocês se juntam / o que vocês fizeram no sul não tem nenhuma importância / porque o dono do lugar é aquele que tem mais pessoas em posição/ [...]<sup>16</sup>

<sup>16</sup> *Copie van een Brasiliaensen Brieff gheschreven van Pieter Poty Brasiliaen en Commanderende over 't Regiment Brazilianen van Paraiba, aen Camaron mede Brasiliaen en Overste van de Brazilianen van die van de Bahia dato 31 Oktober 1645. Geschreven in de Brasiliaensche Tale en daer uyt getranslateert, voor François Lieshout, op den Dam, 1646.*

Ick ben een Christen ende beter Christen als ghy / gheloove in Christum alleen / sonder dat ick mij met de afgoderye daer ghy mede omme gaet / wil besmetten / ick hebbe de Christelijcke Religie geleert / en werde daer noch dagelijcks in geoeffent / en so u lieden van gelijcken daer in geoeffent waert / soudet u ghemoet quijten en de soo trouloose en meyn-eedighe Portugeesen niet dienen / die tegen de beloften van den Coninck / tegen den Eedt by haer gedaen / naer dat zij de Hollanders de goederen hebben onts-toolen / deselve/ende ons nu verradelijck komen op't lijf vallen. Godt sal dit straffen /daerom komt by ons ende gaet van die meyn-eehdige verraders af / die het hier niet sullen kunnen houden / want wy haer in kort met macht sullen voor heen drujven/ende dan oock inde Bahia u lieden by komen / dat sy om de zuyt hebben gedaen / is van geen gewicht / die 't meest volck te velt is van die plaetsen: heer /.”

Esta carta se encontra também no NA, OBP, inv. 61/59 e 61 duplicata, 31-10-1645. A carta é endereçada a Felipe Camarão e Diego da Costa. Consta um N.B. explicando que foi enviado pelo navio Zeelandia em 12-11-1645. As cartas de Felipe Camarão ao Pedro Poty não parecem ter conseguido virar panfleto (p. ex. NA, OBP, inv. 62/53, 4-10-1645, em tupi).

Parece o tipo de debate que se travava na Europa naquela época. Os indígenas calvinistas foram os que mais sofreram após a derrota dos neerlandeses. Foram horrivelmente torturados, sem, entretanto, abjurar a sua religião (Hemming 1978: 309-311).

Entre os aliados dos neerlandeses não havia somente índios batizados, mas ainda um outro grupo, até aquele momento independente, conhecido como Tapuias, que se chamava de Tarairiu. Os Tarairiu eram grandes inimigos dos portugueses. Estes índios foram considerados aliados difíceis dos Neerlandeses, verdadeiros selvagens com os quais era complicado lidar. Em certas descrições, os Tarairius aparecem como antropófagos. O mais conhecido é sem dúvida alguma o retrato do pintor Albert Eckhout, mostrando uma mulher desta tribo, com um resto de perna numa cesta, em contraste marcado com o quadro da tupi, ‘índigena mansa’ (Boogart 1979b). Será por não aceitarem a “civilização”, ao contrário de outras tribos? Ou será por pertencerem àqueles que perderam a guerra, que são justamente esses Tarairius representados como canibais? Van den Boogaart notou no artigo que as testemunhas são poucas, e que um ou dois relatos, não muito confiáveis, serviram de fonte para todos os outros que alegam ter existido o canibalismo entre tais indígenas. Um caso que vem se juntar a outros registrados por W. Arens na sua obra *The Man-Eating Myth* (1979).

Quando Johan Maurits deixou o Brasil, levou alguns Tarairius para a Holanda, onde os fez executar uma dança típica, na sua casa, a Mauritshuis, que tinha mandado construir. A dança autêntica se dançava com o corpo nu, unicamente decorado com alguma pintura corporal. Isto escandalizou especialmente as mulheres dos *predikanten*. Existe um grande quadro de Albert Eckhout com indígenas dançando.<sup>17</sup>

Aliás, os *predikanten* desempenharam um papel relativamente pequeno no Brasil, tanto como em outras colônias, isto por várias razões. Para começar, não havia muito interesse entre os pastores pelo comércio. De fato, vinham em geral da classe média baixa e sentiam antes antipatia pelos negociantes. Contudo, houve um pastor, Godfried Udemans, da Zelândia, que escreveu diretivas para as pessoas que queriam viajar e negociar em outras terras, numa obra intitulada: *O leme espiritual do navio mercado, isto é comunicação fiel de como um comerciante e um capitão de navio mercantil, deve comportar-se e quais suas ações em tempo de paz e de guerra, em frente a Deus e dos homens, no mar e na terra, em particular entre os hereges das Índias Orientais e Ocidentais* (Udemans 1638, 1640, 1655). Esta obra, bem extensa, teve muito sucesso e foi reeditada três vezes em vinte anos. Udemans salientava como não se devia comportar, e analisou longamente, com fartas ilustrações, o tratamento horrível dos indígenas pelos espanhóis. Este era o modelo a não seguir, de modo algum. Também se perguntou se a escravidão era admissível. A resposta era afirmativa se os escravos, capturados pelos calvinistas, podiam assim escapar ao papismo. Houve alguma hesitação em relação à escravidão até Udemans dar o seu parecer. Contudo, quando os neerlandeses começaram a se lançar no tráfico dos escravos – se apoderando por isso de colônias portuguesas na África – o batismo dos escravos não foi uma prioridade. Os neerlandeses conquistaram os fortes estabelecidos pelos portugueses anteriormente, na Costa da Guiné (Mouré em 1612), Elmina, um forte de importância crucial, em 1637, as ilhas de São Tomé e Anobom, e, em Angola, Luanda e

---

<sup>17</sup> No Museu Nacional de Copenhague, na Dinamarca, há uma sala dedicada à pinturas de Eckhout, com este quadro e os outros descritos aqui.

Benguela, em 1641 e, finalmente, Axim, na Guiné, em 1642 (Boxer 1957: 6, 84, 107). Navios neerlandeses carregados de negros chegavam regularmente ao Brasil (por exemplo, *NA, OBP*, inv. 60/14 a 18). Mas também, às vezes, os negros eram conquistados, como nos arredores da Bahia em 1638 (*NA, OBP*, inv. 53/99) ou capturados numa barcaça espanhola em 1640 (*NA, OBP*, inv. 55/98). Um dos empecilhos para o batismo era lingüístico, isto é, a dificuldade de comunicação. Os escravos, obviamente, não compreendiam o neerlandês, enquanto o português não era dominado pelos pastores (Moreau/Baro 1979: 30). Um dos raros pastores a falar português era Vincente Joachim Soler, um frade agostiniano de Valencia que se mudara para a França e se convertera ao calvinismo. Esteve oito anos no Brasil com a mulher e a filha, trabalhando para a comunidade calvinista francesa. Soler lamentava que nunca mandavam escravos para a sua igreja para poder convertê-los. Todavia, um outro problema era simplesmente a falta de pastores (Nieuhof 1981 [1682]: 98-101). Das cartas que Soler mandou, algumas apareceram, mais uma vez, como panfletos na Holanda. Soler menciona cerca de vinte pastores para uma comunidade de quinze mil pessoas. Mesmo excetuando os católicos e os judeus, é ainda um número muito reduzido para a própria comunidade, sem deixar tempo para a conversão alheia. O desespero de certas pessoas pela falta de pastores era tamanha que batizavam os filhos ou se casavam com a ajuda de um padre.<sup>18</sup> Assim, a observação do Frei Manoel Calado, de que condenados à morte católicos eram cercados por *predikanten*, que se faziam passar por sacerdotes, parece pouco verossímil (Calado 1985 [1648]: vol. 1, 128-129).

As observações de Calado sobre as mulheres parecem mais fundamentadas, porque o tratamento e o comportamento das mulheres portuguesas e neerlandesas eram bem diferentes. Frei Calado conta como um convite para jantar, de último momento, feito por Johan Maurits a senhoras da sociedade, foi recusado por estas:

que o jantar à sua mesa haviam por recebida a mercê, que não era uso, nem costume entre os portugueses as mulheres comerem senão com seus maridos, e ainda com estes era quando não havia hóspedes em casa (não sendo pai, ou irmão) porque nestes casos não se vinham assentar a mesa (Calado 1985 [1648]: vol. 1, 128).

O mundo das mulheres portuguesas era bem diferente daquele das neerlandesas, as segundas vivendo em maior liberdade. Possivelmente por esta razão, houve portuguesas que se casaram com neerlandeses. Parece não haver nenhum registro de um português que se casou com uma neerlandesa. Poderia ser porque o português tivesse medo de uma mulher demasiado independente ou que a neerlandesa não aceitasse ficar trancada em casa, ou que os dois fatores tivessem influência. Funcionários da Companhia e alguns oficiais traziam as suas famílias para o Brasil desde os anos 1630. Depois da rendição do Arraial do Bom Jesus, centro da resistência luso-brasileira, houve mais imigrantes, alguns especializados e outros que esperavam fazer fortuna, que vieram ao Brasil com a sua família (Mello 1987: 53-55; Boxer 1957: 125-128, 130). José Antônio Gonsalves de Mello escreveu extensamente sobre a presença judia em Pernambuco, entre outros neste período, inclusive sobre sua situação familiar (Gonsalves de Mello 1989, em particular 281-282, 369-522).

<sup>18</sup> Soler (1639). Ver também Mello (1979).

Frei Manuel Calado observa que um flamengo vale por dez homens portugueses e José Antônio Gonsalves de Mello anota as uniões, acrescentando que, em alguns casos, as mulheres até passaram ao calvinismo, porém mais freqüentemente os homens se converteram ao catolicismo (Mello 1987: 142-145; Calado 1985 [1648]: vol. 1, 125, 206-207).

Contudo, além deste tipo de observação, a posição da mulher foi um dos aspectos pouco estudados desta época e mereceria uma análise mais profunda. Em toda a coleção *NA, OBP*, a mulher é uma figura extremamente escassa. Algumas vezes, a lista da correspondência interceptada menciona uma ou outra carta escrita ou dirigida a uma mulher, como a carta de Gaspar Murera Cazada a Isabel de Murera [sic], ou a de Rodrigues Machado a Catharina Gomes (*NA, OBP*, inv. 64/22, 28-6-1648). Um outro caso encontrado é o episódio do interrogatório de João, negro da viúva de Casper Kock (*NA, OBP*, inv. 66/43, 19-4-1650). Na Coleção do Arquivo da Casa Real na Haia, tampouco a mulher aparece.

As longas relações entre portugueses, flamengos e neerlandeses estavam se deteriorando, mas só até certo ponto. Assim, uma das razões pela qual a província da Holanda não fez um esforço maior no Brasil era por Amsterdam achar que o comércio de sal de Setúbal era mais importante para os seus negócios do que a presença neerlandesa no Nordeste. Porém, o conflito não existia só a nível militar, econômico e político: parece ter-se desenvolvido uma incompatibilidade de gênios, entre os dois lados. É possível que esta fosse em parte devida às transformações que estavam se operando na República das Sete Províncias Unidas. Além disso, as lutas não eram limitadas às terras brasileiras, mas foram o que Boxer qualificou, e nos parece acertadamente, uma verdadeira primeira guerra mundial, que se estendia da América até a Ásia, passando pela África, envolvendo não somente um leque de europeus mas também uma variedade de povos desses quatro continentes. O resultado desta guerra foi uma vitória portuguesa no continente americano, um empate na África e uma vitória neerlandesa na Ásia (Boxer 1981: 117-135). Mas mesmo se a Companhia das Índias Ocidentais não tivesse perdido as batalhas no Brasil, uma permanência neerlandesa mais duradoura naquele país não teria sido fácil. A tolerância existente naquela época nas Províncias Unidas, apesar das observações contrárias por parte de portugueses e brasileiros, teria possivelmente suavizado a tarefa (Freyre 1979: 237). Assim, no Brasil sob administração neerlandesa, a liberdade de culto já tinha sido outorgada aos católicos e judeus em 1634 (Mello 1987: 249).

Em todo caso, esta sociedade era extremamente complexa, com oposições não só militares ou políticas, mas também econômicas e culturais. Era uma sociedade em mudança permanente, com a chegada de pessoas diferentes o tempo todo: funcionários, militares, comerciantes, civis diversos, escravos, e com a saída de funcionários, militares, comerciantes e outros civis que regressavam para a Europa ou mudavam de campo ou de trabalho. Era uma sociedade não só literalmente em fase de construção, mas também burocrática, política e economicamente. De um lado, desenvolviam-se formas de convivência e experiências, algumas totalmente inovadoras, especialmente durante o período Mauricio de Nassau – o apogeu da presença neerlandesa no Brasil; mas, do outro, havia tensões entre os vários grupos e dentro dos próprios grupos, devido à mobilidade, às alianças que se forjavam ou que se tentavam formar, ou à concorrência que existia entre os vários grupos ou indivíduos. Assim, José Antônio Gonsalves de Mello descreve a forte inimizade entre o vigário Gaspar Ferreira e o jesuíta Frei Manoel Calado, que se reflete também nas relações de ambos com as autoridades neerlandesas. Tam-

bém menciona que os judeus *ashkenazim* nem sempre eram amigos dos judeus sefarditas, já que estes últimos se adaptavam bem mais facilmente à situação local do que os *ashkenazim* e outras pessoas que vinham do norte da Europa. Além do mais, com seus conhecimentos lingüísticos, tinham vantagem nos negócios em relação a todos os negociantes (Mello 1987: 246-249). O fato de alguns cristãos-novos voltarem ao judaísmo tampouco deve ter ajudado a popularidade dos judeus.

Ao mesmo tempo, era uma sociedade compartimentada étnica e nacionalmente, o que se traduz na diversidade dos batalhões: uma grande variedade vinda da Europa, do norte ao sul, portugueses radicados no Brasil, mestiços, um batalhão de negros sob o comando de Henrique Dias, do lado português, e pelo menos dois batalhões comandados por indígenas, um por Felipe Camarão, do lado dos portugueses, o outro por Pedro Poty, do lado dos neerlandeses. Estes últimos, índios calvinistas, foram os que mais sofreram com a vitória dos portugueses. Esta vitória também reduziu a diversidade no Brasil: durante alguns séculos não houve mais judeus e protestantes naquele país, enquanto indígenas e escravos passavam ao catolicismo na medida do possível e do desejável.

## Bibliografia

- Arens, William (1979): *The Man-Eating Myth. Anthropology and Anthropophagy*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Beck, Ulrich (1998): *¿Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*. Barcelona/Buenos Aires/México, D. F.: Paidós.
- Boogaart, Ernst van den (1979a) (ed.): *Johan Maurits van Nassau-Siegen, 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. Den Haag: The Johan Maurits van Nassau Stichting.
- (1979b): “Internal Allies. The Dutch West India Company and the tarairiu. 1631-1654”. Em: Boogaart, Erns van den (ed.): *Johan Maurits van Nassau-Siegen, 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. Den Haag: The Johan Maurits van Nassau Stichting, pp. 519-538.
- Boxer, Charles R. (1957): *The Dutch in Brazil, 1624-1654*. Oxford: Clarendon Press.
- (1981 [1969]): *The Portuguese Seaborne Empire, 1415-1825*, Ed. port. *O Império Colonial Português*, 2ª ed. Lisboa: Edições 70.
- (1988 [1965]): *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. London: Pelican Books.
- Brasilsche Gelt-Sack, Waer in dat klaerlijkck vertoont wort, waer dat de participanten van de West-Indische Compagnie haer geldt ghebleven is* (1647) [A bolsa de dinheiro brasileiro, onde se mostra claramente onde ficou o dinheiro dos acionistas da Companhia das Índias Ocidentais], Gedrukt in Brasilien op 't Reciff in de Bree-Bijl n.p.
- Brasyls Schuyt-praetjen, gehouden tusschen een Officier, een Domine, en een Coopman noopende den Staet van Brasyl: Mede hoe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetraecteert werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portugysen noch onder het onverdraeghlyck lock der Hollanderen Staten* (1649) [Discussão que ocorreu numa barçaça entre um Oficial, um Pastor, e um Comerciante sobre o Estado do Brasil: entre outras coisas, se conta como os Soldados e os Oficiais são tratados lá e como se tenta viver na época onde os Portugueses ainda estão sob o jugo insuportável dos Holandeses] n.p.
- Calado, Frei Manoel (1985 [1648]): *O valeroso lucideno ou o triunfo da liberdade*. Recife FUN-DARPE, 4ª ed., 2 vols.
- Coppe van een Brasiliaensen Brieff gheschreven van Pieter Poty Brasiliaen en Commanderende over 't Regiment Brasilianen van Paraiba, aen Camaron mede Brasiliaen en Overste van de Brasilianen van die van de Bahia dato 31 Oktober 1645. Geschreven in de Brasiliaensche Tale en daer uyt getranslateert* (1646). Voor Françoys Lieshout. Op den Dam.

- Diffie, Bailey W./Winius, George D. (1977): *Foundations of the Portuguese Empire, Europe and the World in the Age of Expansion*, Vol. 1. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Ebben, Maurits (2004a): “A República das Sete Províncias até aproximadamente 1650”. Em: Wiesebron, Marianne (ed.): *Brazilië in de Nederlandse archieven. O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. (Mauritiana 1). Leiden: CNWS, pp. 31-79.
- (2004b): “Amsterdam no século dezessete”. Em: Wiesebron, Marianne (ed.): *Brazilië in de Nederlandse archieven. O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. (Mauritiana 1). Leiden, CNWSpp. 83-89.
- Extract ende copye/van verscheide brieven en schriften belangende de rebellie der paepsche portugesen van desen Staet in Brasilien. tot bewijs dat de Kroon van Portugael schuldig is aen de selve* [Extrato e cópia de diversas cartas e escritos relativos à rebelião dos Portugueses papistas deste Estado do Brasil como prova de que a Coroa de Portugal é culpada desta mesma] (1646).
- Freedberg, David (1999): “Science, Trade and Art”. Em: Herkenhoff, Paulo (ed.), *Brazil and the Dutch, 1630-1654*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, pp. 192-217.
- Freyre, Gilberto (1979): “Johan Maurits van Nassau-Siegen from a Brazilian Viewpoint”. Em: Boogaart, Ernst van den (1979) (ed.): *Johan Maurits van Nassau-Siegen, 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. Den Haag: The Johan Maurits van Nassau Stichting, pp. 237-246.
- Heijer, Henk den (1994): *De geschiedenis van de WIC*. Zutphen: Walburg Pers.
- Hemming, John (1978): *Red Gold: the Conquest of the Brazilian Indians*. London: Macmillan.
- Israel, Jonathan I. (1991 [1989]): *Dutch Primacy in World Trade, 1585-1740*. Oxford: Clarendon Press.
- Laet, Johannes de (1931-1937 [1644]): *Iaerlyk Verhael van de Verrichtingen der Geotroyeerde West-Indische Compagnie...*, editada por S.P. L'Honoré Naber, 4 vols., Den Haag: Martinus Nijhoff.
- Lipiner, Elias (1992): *Izaque de Castro: o mancebo que veio preso do Brasil*. Recife: FUNDAJ, Massangana.
- Mauro, Frédéric (1989): *Portugal, O Brasil e o Atlântico, (1570-1670)*. Lisboa: Editorial Estampa, 2 vols.
- Mello, Evaldo Cabral de (1975): *Olinda restaurada, guerra e açúcar no Nordeste, 1630/1654*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/São Paulo: EDUSP.
- (1989): *O nome e o sangue: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mello, Dom Francisco Manuel de (1977): *Epanáforas de Vária História Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- Mello, José Antonio Gonsalves de (1979): “Vincent Joachim Soler in Dutch Brazil”. Em: Boogaart, Ernst van den (ed.): *Johan Maurits van Nassau-Siegen, 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. Den Haag: The Johan Maurits van Nassau Stichting, pp. 247-255.
- (1987): *Tempo dos Flamengos, Influência da Ocupação Holandesa na Vida e na Cultura do Norte do Brasil*. 3 ed. aum. Recife: FUNDAJ, Massangana, Instituto Nacional do Livro.
- (1989): *Gente da Nação: Cristãos-novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Recife: FUNDAJ, Massangana.
- Moerbeek, Andries (1624): *Redenen waeromme de West Iindische Compagnie dient te trachten het landt van Brasilia den Coninck van Spanje te ontmachtigen, en dat ten eersten*. [Razões pelas quais a Companhia das Índias Ocidentais tem que conquistar a terra do Brasil do Rei da Espanha, e isto para começar]. Amsterdam: van der Plasse.
- Moraes, Rubens Borba de (1958): *Bibliographia Brasiliana*. Amsterdam/Rio de Janeiro: Colibris.
- Moreau, Pierre/Baro, Roulox (1979 [1651]): *História das Últimas Lutas entre Holandeses e Portugueses, e Relação da Viagem ao País dos Tapuias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

- Moura, Clóvis (1992): *História do Negro Brasileiro*. São Paulo: Editora Ática S.A.
- Nieuhof, Joan (1981 [1682]): *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. Belo Horizonte, São Paulo: Ed. Itatiaia.
- Parker, Geoffrey (1990 (rev. ed) [1979]): *Spain and the Netherlands, 1559-1659. Ten Studies*. Glasgow: Fontana Press.
- Portugal en Vlaanderen. Europa in het vershiet (1550-1680)* (1981), catálogo da exposição no Museu Real das Belas Artes em Bruxelas. Wetteren: Erasmus.
- Reis, João José (1987 [1986]): *Rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense.
- Sande, Anton van de (1989): “Roomse buitenbeentjes in een protestantse natie? Tolerantie en antipapisme in Nederland in de zeventiende, achttiende en negentiende eeuw”. Em: Gijswijt-Hofstra, Marijke (ed.): *Een schijn van verdraagzaamheid: afwijking en tolerantie in Nederland van de zestiende eeuw tot heden*. Verloren: Hilversum, pp. 85-106.
- Schama, Simon (1987): *The Embarrassment of Riches. An Interpretation of Dutch Culture in the Golden Age*. London: Collins.
- Schwartz, Stuart (1985): *Sugar Plantations in the Formation of Brazilian Society, Bahia, 1550-1835*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1992): *Slaves, Peasants and Rebels: Reconsidering Brazilian Slavery*. Urbana/Chicago: University of Illinois.
- Soler, Vicent Joachim (1639): *Cort en sonderlingh verhael van eenen Brief van Monsieur Soler, Bedienaer des H. Evangelij in de Ghereformeerde Kercke van Brasilien. Inde welcke hy aen eenighe syne Vrienden, daer hy aen schrijft, verhaelt verscheyden singulariteyten van ‘t Landt. Uyt de francoysche in onse Nederlantsche tale overgeset* [História curta e singular de uma carta de Senhor Soler, servidor do Santo Evangelho na Igreja Reformada no Brasil, na qual descreve algumas singularidades do País, a seus amigos, aos quais escreve. (Traduzido do francês na língua neerlandesa)]. Amsterdam: Boudewyn de Preys.
- Souty, François (1988): “Du Brésil Néerlandais, 1624-1654: une tentative de projection conjoncturelle de longue durée à partir de données de court terme”. Em: *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*, Tome XXXV, pp. 188-189.
- Teensma, Ben N. (1988): “Resentment in Recife. Jews and Public Opinion in 17th-Century Dutch Brazil”. Em: *Essays on Cultural Identity in Colonial Latin America. Problems and Repercussions*. Leiden: Department of Latin American Studies.
- Udemans, Godfried (1638, 1640, 1655): *‘T Geestelyck Roer van ‘t Coopmans schip. Dat is: Trouw bericht hoe een coopman en coopvaerder, hem selven dragen moet in syne handelinge in pays ende in oorloge, voor Godt ende de menschen, te water ende te lande, insonderheynt onder de heydenen in Oost-en de West-Indien*. Dordrecht.
- Usselincx, Willem (1608): *Vertoogh, hoe nootwendich, nut ende profijtelijck het sij voor de Vereenighde Nederlanden te behouden de Vrijheynt van te handelen op West Indien, etc.* [Discurso sobre o caráter necessário, útil e proveitoso para os Países Baixos de ter a liberdade de comércio nas Índias Ocidentais, etc.] Sem lugar: sem editor.
- Veen, Jaap van (2004a): “Sinopse dos documentos sobre João Maurício de Nassau-Siegen e a presença neerlandesa no Brasil constantes do Arquivo da Casa Real na Haia”. Em: Wiesebron, Marianne L. (ed.): *Brazilië in de Nederlandse archieven. O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. (Mauritiana 1). Leiden: CNWS, pp. 143-155.
- (2004b): “Haia, Arquivo da Casa Real”. Em: Wiesebron, Marianne L. (ed.): *Brazilië in de Nederlandse archieven. O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. (Mauritiana 1). Leiden: CNWS, pp. 157-163.
- Wiesebron, Marianne L. (1991): “Livros no Brasil: história de tipógrafos e editores”. Em: *O livro ilustrado brasileiro*. Haia: Rijksmuseum Meermanno-Westreenianum/Museum van het Boek, pp. 9-35.

- 
- (1995): “Confrontos durante a ocupação holandesa no Brasil”. Em: Silva, Maria Beatriz Nizza da (coord): *Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz* (Coleção História de Portugal, nº 14). Lisboa: Estampa, pp. 91-107.
  - (ed.) (2004): *Brazilië in de Nederlandse archieven. O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. (Mauritiana 1). Leiden: CNWS.
  - (ed.) (2005a): *Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. (Mauritiana 2N). Leiden: CNWS.
  - (ed.) (2005b): *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. (Mauritiana 2P). Leiden: CNWS.